



La Comédiathèque

UM BREVE INSTANTE DE ETERNIDADE

Jean-Pierre Martinez

comediathèque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Um breve instante de eternidade

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Pedro, um pesquisador, acaba de encontrar o soro da vida eterna. Consciente das consequências imprevisíveis de tal descoberta, está prestes a desistir de torná-la pública. No entanto, sua esposa, que sonha em preservar sua juventude para sempre, e seu amante, que deseja viver eternamente, não estão dispostos a fazer tal sacrifício...

Personagens

Pedro
Diana
Vicente

© La Comédiathèque

Uma sala parcialmente transformado em laboratório. Pedro, de bata branca, realiza experimentações misteriosas numa mesa coberta de provetas e outros dispositivos científicos. Há também uma gaiola vazia com a porta aberta na mesa. Pedro espirra. Diana chega com um impermeável.

Diana – Saúde!

Pedro – Obrigado. Tiveste um bom dia?

Diana tira o impermeável.

Diana – A rotina... Não podias fazer isto noutra lugar?

Pedro – Onde? O meu chefe proibiu-me de continuar as minhas pesquisas no laboratório...

Diana – Fica-se a pensar porquê...

Pedro – Não vai demorar muito mais, garanto-te.

Diana – Lembra-te de que comemos nesta mesa. Acabarás por nos envenenar!

Pedro – Estou prestes a consegui-lo, lamento.

Diana – Uma vacina contra o resfriado...

Pedro – Tu também te vais juntar a isto? Antes, confiavas em mim...

Diana – O homem com quem casei queria revolucionar a medicina moderna.

Pedro – Quem sabe... talvez seja isso que estou a fazer.

Diana – Descobrir uma cura definitiva para o resfriado? Coitadinho... Mesmo que as tuas pesquisas tenham sucesso um dia, acreditas mesmo que ganharás o Prémio Nobel da Medicina por isso?

Pedro – Não é realmente o meu objetivo, mas... por que não?

Diana – Espera, Pedro... Não estamos a falar de malária ou VIH aqui! Ninguém morreu alguma vez por um resfriado forte!

Pedro – É um vírus como qualquer outro.

Diana – Sim, mas muito menos perigoso... Há problemas de saúde mais graves para tratar, não achas?

Pedro espirra novamente.

Pedro – Dizes isso porque nunca apanhas resfriados. Deves ter desenvolvido alguma forma de imunidade. Questiono-me se não devia usar-te como cobaia.

Diana – Obrigada.

Pedro – Enfim, querida, também és cientista!

Diana – Cientista? Não... Eu sou apenas farmacêutica. Repetes-me isso o suficiente. E para ti, parece que ser farmacêutica está apenas acima de ser comerciante.

Pedro – Sabes muito bem que, ao fazer pesquisa, nunca se sabe no que vai resultar. Uma vacina contra o resfriado pode ser talvez um passo para outras descobertas mais importantes.

Diana – De qualquer forma, no que diz respeito ao resfriado, os farmacêuticos não te agradeceriam.

Pedro – Porquê? Afinal, seriam vocês a vendê-la, esta vacina!

Diana – Claro... E por cada vacina vendida, perderíamos um cliente para sempre.

Pedro – As pessoas poupariam dinheiro! Seriam mais saudáveis e mais produtivas no trabalho.

Diana – Sim... E nós veríamos as nossas vendas caírem! Sabes o que significa, para um farmacêutico, no inverno, os produtos contra o resfriado?

Pedro – E queres que não vos considerem como comerciantes?

Diana – Muito bem... Mas é com as receitas da farmácia que pagamos a hipoteca da casa...

Diana sai.

Pedro – Vês, Gloria, ambos somos incompreendidos. Um dia vão perceber, verás. Vão lamentar terem-nos tratado com tanto desprezo. Mas será demasiado tarde... Abandonaremos todos esses pobres mortais ao seu triste destino, e nós seremos os reis do mundo... (*Exaltado*) E quando digo reis... Deveria dizer deuses. (*Voltando à realidade*) Não dizes nada, mas pensas o mesmo, certo, Gloria? (*Olha para a gaiola.*) Onde terá ido, outra vez...? (*Dá voltas pela sala chamando baixinho.*) Gloria! Vem um pouco para aqui, querida...

Diana volta, e ele interrompe-se como se estivesse apanhado.

Diana – Chamaste-me?

Pedro – Não, não, eu...

Diana – Com quem estavas a falar então?

Pedro – Com ninguém, eu... Estava a falar comigo mesmo.

Diana – Isto não melhora... Aliás, não vais acreditar, mas vi um rato, ontem de manhã, na cozinha.

Pedro (*desconfortável*) – A sério...?

Diana – Até pensei em trazer a minha pistola da farmácia...

Pedro – Tens uma arma na farmácia?

Diana – Mas claro, sabes bem! Foi o Vicente que me aconselhou a comprar uma. Já fui assaltada três vezes, lembraste-te?

Pedro – Ah, sim...

Diana – Infelizmente, já não a consigo encontrar.

Pedro – Perder uma pistola não é algo comum... Não é algo que se perca facilmente... Ou talvez também a tenham roubado...

Diana – Não acho graça, Pedro. Tenho fobia a ratos, sabes bem. Pergunto-me como é que ela pode ter chegado aqui...

Pedro – Sim...

Ela lança-lhe um olhar suspeito.

Diana – É estranho, tenho a sensação de que não te preocupa.

Pedro – Sim... Sim, asseguro-te...

Diana – Nem pareces surpreendido...

Hesita antes de confessar.

Pedro – Desculpa. É a Gloria...

Diana – Gloria?

Pedro – A minha rata de laboratório. É uma fêmea... Aparentemente, conseguiu abrir sozinha a porta da gaiola. É muito inteligente, sabes...

Diana – Uma rata? E chamas-lhe Gloria? Cuidado, Pedro, estás a ficar completamente louco.

Pedro – Trouxe-a do laboratório... Às vezes tenho a sensação de que ela é a única que ainda acredita em mim...

Diana – Parece que estás a falar de uma colega... É uma rata!

Pedro – Comecei as minhas pesquisas com a avó dela há alguns anos. Por isso é verdade que me afeiçoei um pouco à família.

Diana – Ah, não! Não isto, Pedro. Não vou aceitar viver com uma rata solta em casa só porque faz parte da família.

Pedro – É apenas uma pequena escapadela...

Diana – Devias ter fechado a gaiola, maldição! Com chave, se necessário! Aviso-te, Pedro – não passo outra noite aqui com uma rata solta.

Pedro – Não fiques zangada. Não é assim tão grave.

Diana – Zango-me se quiser! Estou exausta, garanto-te... Então agora, a tua Gloria... Ela ou eu, está bem?

Pedro – Quando tiver fome, voltará à gaiola. Não é um animal habituado a encontrar comida sozinho. Eu encontro-a, asseguro-te.

Diana – Sim, bem, não sei em que estado. Porque, não tendo uma pistola, pus-lhe trigo envenenado com arsénico na cozinha esta manhã.

Pedro – Arsénico? Mas isso é bárbaro! Pobre Gloria... E além disso, onde conseguiste arsénico, em primeiro lugar?

Diana – Lembro-te que sou farmacêutica.

Pedro – A erva continua a ser ilegal na maioria dos países do mundo, mas em Portugal qualquer mulher pode conseguir uma pistola e o arsénico está disponível livremente nas farmácias?

Diana – Só com receita. Mas felizmente, mesmo sendo apenas comerciante, como farmacêutica, eu ainda posso prescrever receitas médicas.

Pedro – Tenho a sensação de estar a viver com Madame Bovary.

Diana – Madame Bovary não envenenou o marido. Suicidou-se.

Pedro – Bem... Parece que sabes muito sobre envenenadoras.

Diana – De qualquer forma, se tivesse de escolher para escapar do meu marido, preferiria envenená-lo a ele em vez de me envenenar a mim mesma...

Pedro – Isso é reconfortante... Mas é que aprecio muito a Gloria.

Diana – Sim, há bastante tempo que frequentas mais as ratas de laboratório do que a tua esposa e amigos.

Pedro – Elas, pelo menos, nunca me desiludiram... E além disso, lembra-te que é nesta cobaia que experimento a minha vacina... Se a envenenaste, terei de reiniciar todas as minhas experiências do início...

Diana – Aviso-te, não terei paciência para esperar até ao fim. Precisas de te reabilitar, Pedro. Nem sempre estarei aqui...

Pedro – Ah, sim?

Diana – Não é exatamente o que quis dizer, mas...

Pedro – Não te preocupes, sei muito bem o que querias dizer.

Sai por um momento. Diana parece abatida. Pedro volta com um ramo de flores que oferece a Diana, muito surpreendida.

Pedro – Para me desculpar por não ter estado à altura nos últimos tempos...

Diana (*mais envergonhada do que encantada*) – Obrigada, mas...

Pedro – Esta noite levo-te a jantar ao nosso restaurante favorito. O mesmo onde te pedi para te casares comigo, há...

Diana – Não...?

Pedro – Esqueceste que dia é hoje?

Diana – Ah, está bem...

Pedro – Esqueceste o nosso aniversário de casamento.

Diana – Até agora, eras tu quem esquecia esse tipo de coisas...

Pedro – Bem, vês... As coisas podem mudar... Até eu posso mudar...

Diana (*pegando as flores*) – Obrigada...

Pedro – Reservei para as nove, está bem, ou queres que ligue a dizer que chegaremos um pouco mais tarde?

Diana – É que... propus ao Vicente tomar algo.

Pedro – Para o aperitivo?

Diana – Sempre podemos jantar depois.

Pedro (*irónico*) – Com o Vicente...?

Diana prefere não responder.

Diana – Vou pôr as flores em água.

Sai. Pedro volta a procurar sua rata.

Pedro – Gloria, vens um pouco para aqui, meu amor? Se não quiseres acabar como Madame Bovary... (*Procura mais um momento no quarto antes de sair enquanto continua procurando.*) Gloria!

Diana retorna com as flores num vaso.

Diana – Se preferires, posso cancelar com o Vicente...

Percebe que Pedro não está, suspira e tenta encontrar um lugar na mesa para o vaso.

Campainha. Ela coloca o vaso e vai abrir. Volta com Vicente, um homem bem vestido e muito autoconfiante.

Vicente – Falaste com ele?

Diana – Não... Não era o momento certo.

Vicente – Qual é o momento certo para uma mulher dizer ao marido que o está a deixar?

Diana – É o nosso aniversário de casamento... Esqueci-me.

Vicente – Já percebi...

Diana – Não vou dizer-lhe que o deixo para ir com o melhor amigo dele no dia do nosso aniversário de casamento.

Vicente – Está começando a ser urgente, não achas? Estás grávida, não esqueceste, pois não?

Diana – Não, isso não esqueci, fica descansado...

Vicente – Tens a certeza que é meu, pelo menos?

Diana – A tua pergunta é muito delicada.

Vicente – Desculpa, mas...

Diana – Nunca conseguimos ter filhos com o Pedro. Nunca procurámos realmente saber de quem era a culpa, na verdade...

Vicente – Bem, agora sabem.

Diana – E de qualquer forma, as únicas relações mais íntimas que ele teve por muito tempo foram com as suas ratas de laboratório...

Vicente – Logo isso, em breve poderá dedicar-se a tempo inteiro aos seus projetos pessoais.

Diana – Não hoje, Vicente. Não esta noite, por favor.

Vicente – O laboratório não está tão bem como pensas. Não dirijo uma ONG, tenho que prestar contas aos nossos acionistas.

Pedro retorna. Mudou-se, embora não esteja tão elegante como Vicente.

Pedro – Ah, olá Vicente.

Vicente – Boa noite, Pedro. Espero que não se importem.

Pedro – De maneira nenhuma. Mas a Diana esqueceu-se de me dizer que vinhas tomar algo. Provavelmente queria surpreender-me...

Vicente dá uma olhada na mesa cheia de equipamento de pesquisa.

Vicente – Vejo que levas trabalho para casa...

Pedro – Sim...

Vicente – Suponho que não estás a fazer horas extras no novo projeto que te confiei.

Pedro prefere evitar, mas Diana toma a palavra.

Diana – Ah sim... Este novo creme de noite antienvelhecimento totalmente revolucionário... Então, Pedro, vais encontrar um produto milagroso para garantir às mulheres uma juventude eterna?

Pedro – Cosméticos e eu, já sabes... Não é realmente a minha especialidade...

Diana – Pena... Um creme antienvelhecimento, para mim, poderia interessar em breve.

Pedro – Vamos, querida. Ainda és demasiado jovem para isso.

Vicente – Então, não desististe da tua famosa vacina contra o resfriado...

Pedro – É surpreendente a quantidade de pessoas que parece incomodar. Para um projeto de pesquisa tão inofensivo. Pelo menos é o que parece...

Vicente – Desculpa por ser tão prosaico... Mas o laboratório obtém uma parte significativa dos seus rendimentos a partir dos produtos para o tratamento sintomático do resfriado. Não me peças para ficar contente com a perspectiva de ver as nossas vendas a cair. Se ao menos fosse para salvar o mundo de uma epidemia mortal.

Pedro – Sim... É isso que também a Diana me diz.

Vicente – O que eu gostaria é que te interessasses um pouco mais em cosmetologia. É aí que temos mais margem. Os acionistas estão nervosos neste momento, Pedro. Não é impossível que me peçam para cortar ramos mortos...

Pedro – Parece um aviso de despedimento...

Diana – Bem... também não vamos passar a noite a falar de trabalho.

Vicente – Desculpa, Diana. Então, sobre o que falamos?

Pedro – Não, mas tu tens razão... Abusei um pouco da tua amizade nos últimos anos. Não posso pedir que finances pesquisas que aparentemente só me interessam a mim.

Vicente – Então, desistes?

Pedro – Digamos que... dou-me até o final do mês. Quero experimentar um último protótipo de vacina. Se não der resultados, desisto. E dedico-me apenas aos produtos de beleza. E a ti, querida... Prometo.

Diana – Muito bem... Então bebemos algo, sim ou não?

Vicente – Estamos aqui para isso, não estamos?

Pedro – Vens jantar connosco? Reservei para dois, mas posso ligar para avisar que chegaremos um pouco mais tarde...

Vicente – Não esta noite, Pedro. A Diana tem razão, acho que não é o momento certo...

Pedro – Então, tu lembras-te? Diana esqueceu-se, reparaste?

Vicente – Eu deveria ter outras coisas na cabeça...

Pedro – Minha esposa esquece a data do nosso casamento, mas o meu melhor amigo lembra-se.

Vicente – Fui o teu padrinho, afinal...

Pedro – É verdade.

Diana (*desconfortável*) – Bem, então, o que vão beber como aperitivo?

Corte preto

Uma máquina de café expresso está na mesa, ao lado do equipamento de experimentação e da gaiola. Pedro, com uma chávena na mão, verifica alguns resultados de experimentos. Diana chega e vê a máquina de café.

Diana – Compraste uma máquina de café expresso?

Pedro – Sim... Há uma igual no laboratório, mas como agora também trabalho em casa...

Diana – Já percebi... Melhor manter as pequenas tradições... (*Aproximando-se da máquina*) Funciona com moedas ou fichas?

Pedro – É de graça. Mas há uma pequena cesta ali ao lado. Colocamos o que quisermos. É para comprar cápsulas. São tão caras... (*Ela lança-lhe um olhar incrédulo.*) Estou a brincar, obviamente...

Diana – Bem... E onde estão as cápsulas?

Pedro – Na cesta, precisamente.

Diana – Vou tentar não confundi-las com alguma das tuas preparações letais.

Pedro – Para a manhã, recomendo o Fortissimo. Acordaria um morto.

Diana – Obrigada pelo conselho.

Ela coloca a cápsula e liga a máquina.

Pedro – Talvez não devesse dizer-te, mas fiquei um pouco desapontado com o jantar de ontem. (*Ela lança-lhe um olhar surpresa.*) Não, não estou a falar de... nós dois. Estou a falar daquele restaurante italiano. Não era melhor antes?

Diana – Antes? Queres dizer... antes de nos casarmos?

Pedro – De qualquer forma, voltámos lá algumas vezes depois, não voltámos?

Diana – Não é o restaurante que mudou, Pedro. Somos nós. Éramos jovens. Estávamos apaixonados.

Pedro – Tínhamos fome...

Diana – Sim. Não precisávamos de três aperitivos para abrir um pouco o apetite.

Pedro – Na verdade, não tínhamos meios para pagar três aperitivos.

Diana – Nem sequer um.

Pedro (*imitando um empregado de mesa*) – Vão querer um aperitivo para começar, senhores?

Diana – Não, obrigada...

Pedro – Um quarto de tinto, por favor.

Diana – Precisamos de falar, Pedro.

Pedro – Sim...

Diana – Não tenho toda a vida, sabes? Não rejuvenesço...

Pedro – Eu também não...

Diana – Mas eu sou uma mulher... Eu não posso esperar, Pedro. Já não posso esperar por ti. E vês, nós dois...

Pedro – Eu não vi o trigo envenenado que colocaste na cozinha.

Diana – A rata comeu.

Pedro – Pobre Gloria.

Diana – É um rato de laboratório. Não um animal de estimação.

Pedro – Sim, mas eu tinha administrado o meu soro a ela.

Diana – Teu soro?

Pedro – Quero dizer, minha vacina.

Diana – É realmente uma vacina contra o resfriado?

Pedro – O quê?

Diana – O que estás a procurar. É realmente uma vacina contra o resfriado?

Pedro – Sabes o que Picasso dizia – 'Não procuro, encontro'. Às vezes procuramos algo e encontramos outra coisa.

Diana – Isso também se aplica às pessoas, Pedro. Às vezes procuramos alguém... e encontramos outra pessoa...

Pedro volta a procurar.

Pedro – Mesmo morta, essa pobre criatura deve estar por aqui...

Diana – Vou me arrumar.

Pedro – Querias falar.

Diana – Não agora. Sinto que a tua mente está em outro lugar. Quando tiveres superado a perda da tua Gloria, talvez...

Diana sai.

Pedro – Infelizmente, acho que vou ter que encontrar outro rato de laboratório. (*Pedro vê algo na gaiola, levanta-se e vai ver*) Não é verdade, Gloria? Então voltaste? E pareces estar em plena forma, minha querida! É incrível. Sobreviveste ao jantar que a minha encantadora esposa te serviu ontem à noite. Tens sorte. O meu deixou-me um pouco mal do estômago. Vamos, vamos voltar ao trabalho. Incrível, Gloria... Acho que ainda não deixaste de nos surpreender.

Pedro sai com a gaiola. Diana regressa. Termina o café. Timbre. Ela vai abrir e volta com Vicente.

Vicente – Então, esse jantar romântico...?

Diana – Por favor, realmente não é o momento.

Vicente – Ontem também não era o momento certo. Quando será o momento certo, exatamente?

Diana – Não sei...

Ele abraça-a.

Vicente – Eu amo-te, Diana. E já não posso esperar mais.

Diana – Eu também não, asseguro-te. Mas sempre odiei discussões conjugais.

Ele beija-a. Ela deixa-se beijar e depois liberta-se do abraço.

Diana – Estás louco... Pode surpreender-nos...

Vicente – Melhor. Poupar-nos-ia explicações, não?

Diana – Não assim, Vicente. Afinal, estivemos casados durante... Vou falar-lhe, prometo-te...

Vicente – Quando?

Diana – Quando for o momento.

Vicente – Muito bem, então ouve – diremos que sou eu quem decide quando é o momento, está bem?

Diana – Está bem.

Vicente – E para mim, o momento certo é agora. Amas-me, sim ou não?

Diana – Claro...

Vicente – E ele? Ainda o amas?

Diana – Não, juro-te...

Vicente – Então, se não lhe disseres, direi eu.

Diana – Vou dizer-lhe. É melhor que seja eu.

Vicente – Está bem. Mas dizes-lhe agora mesmo. Espero-te lá em baixo, no café. Juntas-te a mim com a tua mala depois de lhe falares, e esta noite dormes em casa.

Diana – Prometo.

Vicente – Voltamos depois pelas tuas coisas.

Diana – Tens razão, é preciso pôr fim a isto.

Vicente – Compreendo que não seja fácil para ti. É uma página que está a ser virada. Mas para nós, é uma nova vida que começa.

Diana – Eu sei... Agora, vai.

Vicente vai embora. Pedro regressa. Parece muito agitado.

Pedro (*distraído*) – Ah, estás aqui... Pensei que já tinhas ido embora...

Diana – Desta vez, realmente preciso falar contigo, Pedro... (*Pedro revira nervosamente suas anotações de experimentos.*) Não vais conseguir fugir para sempre. Estás a ouvir o que te estou a dizer?

Pedro – Acho que encontrei algo.

Diana – Como assim, algo?

Pedro – Lembra-te que sou investigador. Às vezes, os investigadores encontram algo. Eu também...

Diana – A tua vacina para o resfriado?

Pedro – Melhor do que isso, acredita.

Diana – Já existe uma vacina para a gripe. Sabias?

Pedro – Nunca procurei uma vacina para o resfriado, Diana. Era apenas uma desculpa.

Diana – Uma desculpa?

Pedro – Uma cobertura, se preferires. Para que me deixassem em paz no laboratório.

Diana – Nunca procuraste uma vacina para o resfriado?

Pedro – Bem, no início sim, mas... Rapidamente percebi que era um meio para... Uma porta de entrada para...

Diana – Podes terminar as tuas frases?

Pedro – Não é fácil dizer, acredita.

Diana – Tenta de qualquer forma.

Pedro – A vida é uma ilusão, Diana.

Diana – Se essa é a tua descoberta... Realmente não valia a pena dedicar tantos anos da tua vida a estas pesquisas...

Pedro – As células contêm um dispositivo de obsolescência programada. Como as máquinas de lavar ou os micro-ondas.

Diana – Não és obrigado a falar comigo como se eu fosse uma idiota. Eu também estudei medicina antes de me tornar comerciante...

Pedro – Usei o vírus do resfriado para penetrar nas células e repará-las.

Diana – O que queres dizer?

Pedro – Encontrei a forma de neutralizar esse dispositivo genético que leva as células à sua morte programada.

Diana – Queres dizer que...

Pedro – Acho que descobri o soro da vida eterna.

Diana fica atónita.

Corte

Encontramos Pedro, nervoso com seu equipamento de experimentação e revisando suas anotações. Diana olha para ele, bastante agitada. Pedro finalmente levanta o olhar para ela e começa a andar de um lado para o outro.

Diana – E tens a certeza mesmo?

Pedro – Este foi o último experimento do qual te falei ontem. Com a Gloria.

Diana – Gloria? Quem é Gloria?

Pedro – A minha rata, já sabes...

Diana – Ah, sim, é verdade.

Pedro – Administrei-lhe o meu soro ontem de manhã. Acabei de verificar os resultados. Não há absolutamente nenhuma dúvida. O património genético desta rata foi modificado. O seu ADN permite-lhe viver eternamente.

Diana – Infelizmente, a esta altura, certamente já está morta de algo que não seja velhice. Comeu todo o meu trigo envenenado com arsénico...

Pedro – Espera... Isto é ainda mais extraordinário. Gloria sobreviveu a essa intoxicação. Olha, está aí dentro, a pedalar na sua gaiola!

Diana – Além de viver eternamente, também estaria protegida contra todas as causas de morte prematura?

Pedro – Sim, é uma possibilidade... Em todo caso, já sabemos que é resistente ao arsénico...

Diana (*olhando para a gaiola*) – Sim, parece estar em plena forma. Para uma rata que acabou de comer uma dose de veneno suficiente para matar um homem de oitenta quilos.

O telemóvel de Diana toca. Ela olha o número, mas não atende a chamada.

Pedro – Não atendes? Pode ser importante...

Diana – Importante? Estás a brincar! O que poderia ser importante depois do que acabaste de me dizer? (*O telefone continua a tocar.*) Desculpa-me, só vou enviar uma SMS para ficar tranquila... (*Envia nervosamente uma SMS, enquanto Pedro também digita no seu telefone.*) Está-me a ser difícil entender todas as implicações de uma descoberta como esta...

Pedro – Sim, a mim também.

Diana – De qualquer forma, por agora não devemos falar disto com ninguém.

Pedro – És a única pessoa a quem contei sobre isso.

Diana – Nem mesmo ao Vicente?

Pedro – Ainda não...

Diana – E tens a certeza da tua descoberta? Quero dizer, tens a certeza de conseguir produzir essa vacina?

Pedro – Sim, acredito... Tenho muito pouco líquido vacinal. O que a Gloria me deixou. Mas, em princípio, sei como fazer mais.

Diana – E, claro, tens tudo anotado em algum lugar?

Pedro (*apontando para a cabeça*) – Tudo está aqui... Prefiro...

Diana – Não sei se é muito prudente.

Pedro – Porquê?

Diana – Não sei... Caso te aconteça algo...

Pedro – Exatamente. Dada a importância desta descoberta, questiono se ser o único a conhecer a fórmula não é o meu melhor seguro de vida.

Diana – Já percebi... És como o druida Panorámix... Preferes manter em segredo a receita da tua poção mágica... Mas, então, sabes como fazer mais, estamos de acordo?

Pedro – Claro, levaria um pouco de tempo, mas...

Diana – Quanto?

Pedro – Não sei... Duas ou três semanas... Um pouco menos se me derem os meios necessários. Lembra-te que até agora, trabalhava na sala de estar...

Diana – Uma vez que a notícia se espalhe, não conseguiremos controlá-la. Vai propagar-se como pólvora.

Pedro – Quando um laboratório lança uma nova versão de uma vacina com efeitos colaterais, as pessoas estão dispostas a lutar para recuperar a fórmula antiga. Imagina o que seria com um soro da imortalidade...

Diana – Seria um motim.

Pedro – Por isso quero tirar o tempo para pensar nisso... Compreendes? Isso poderia ter consequências ainda mais catastróficas do que a bomba atómica.

Diana – De qualquer forma, não é exatamente a mesma coisa.

Pedro – Permitir que as pessoas vivam eternamente, para o planeta, é muito pior do que fazê-las morrer prematuramente, acredita.

Diana – E quanto líquido exato ainda tens deste líquido vacinal?

Pedro – Não sei... Não muito.

Diana – Mas é suficiente para testá-lo em seres humanos?

Pedro – Ainda é apenas uma vacina experimental.

Diana – Que riscos corremos? Além de tornarmo-nos imortais... Então?

Pedro – Para duas pessoas, no máximo.

Diana – Duas pessoas...

Pedro – Sinceramente, não sei o que fazer... Pensei nisso, claro, mas agora que está aqui...

Diana – Tens razão... Não precisamos apressar-nos.

Pedro – Por outro lado, não será fácil manter uma notícia como esta em segredo por muito tempo... Especialmente depois de a ter contado ao Vicente...

Diana – Mas ainda não lhe disseste, pois não?

Pedro – Não.

Diana – Pode haver uma solução de espera.

Pedro – Qual?

Diana – Vamos experimentar o produto em nós!

Pedro – Nós dois?

Diana – Como Pierre e Marie Curie com o rádio!

Pedro – Já não te reconheço, Diana... Há apenas uma hora dizias que eu estava a perder tempo e que seria melhor eu trabalhar em produtos cosméticos, e agora estás pronta para te doares à ciência.

Diana – Disseste-me que estavas a trabalhar numa vacina para o resfriado. Não num soro da imortalidade...

Pedro – Sim, claro...

Diana – Seria temporário, claro... Experimentamos o produto em nós, vemos o que acontece e tiramos o tempo para refletir. Teríamos todo o tempo do mundo. Seríamos imortais!

Pedro – Não sei... Mesmo para nós, é preciso refletir sobre as consequências...

Diana – Quais consequências?

Pedro – As consequências... de viver para sempre.

Diana – Eu estou disposta a correr o risco. Veremos depois.

Pedro – É uma decisão importante. O processo provavelmente será irreversível.

Diana – Mas vá lá, Pedro, estamos a falar de nunca morrer e de permanecer eternamente jovens. Qualquer mulher seria capaz de matar por isso!

Pedro – Sim... Isso é o que me preocupa...

Batem à porta.

Diana – Quem poderá ser?

Pedro – É o Vicente.

Diana – Como sabes?

Pedro – Enviei-lhe uma mensagem há um tempo para ele vir.

Diana – Ah, sim? Porquê?

Pedro – Ele é o meu chefe! Ele é quem lidera o laboratório. Embora objetivamente tenha feito esta descoberta de forma privada, estou sob contrato. Legalmente, tudo o que descubro pertence à empresa.

Diana – Tens a certeza disso?

Pedro – Está no meu contrato, verifiquei... (*Batem novamente.*) Vou abrir. Não o deixaremos à porta... Fui eu quem lhe disse para vir...

Pedro vai abrir e volta com o Vicente.

Pedro – Foste rápido... Estavas por aqui?

Vicente – Estava em baixo, no café. Então, em que ponto estamos?

Pedro – Não é muito fácil de dizer. Deves estar a perguntar-te por que te pedi para vires assim, urgentemente...

Vicente – Consigo imaginar um pouco...

Pedro – Ah, sim? (*Para Diana*) Já lhe contaste? Foi por isso a mensagem de texto?

Diana – Não... Bem, sim... Acho que há um mal-entendido...

Vicente – Um mal-entendido? Escuta, Pedro, somos amigos, isso é verdade. E trabalhamos juntos. Depois, na vida, há momentos em que...

Diana – Acho que o mais simples é ouvires o que o Pedro tem para te dizer.

Vicente – Estou aqui para isso.

Pedro – Tens a certeza de que não preferes sentar-te?

Vicente – Estou bem, obrigado...

Diana – Não, porque aviso já, é algo sério.

Vicente – Bem, se acabarmos com esta comédia...

Pedro – Está bem, tens razão. Então aqui está. Durante anos, tenho-te dito que estou a trabalhar numa vacina para o resfriado.

Vicente – Sim...

Pedro – Bem, isso é falso.

Vicente – Oh...

Pedro – Estava a trabalhar num projeto muito mais ambicioso, que acabei hoje.

Vicente – E o que encontraste, Einstein? Um loção para fazer crescer o cabelo?

Pedro – Um soro da vida eterna.

Vicente fica chocado.

Vicente – Isso é uma piada? Fizeste-me vir para gozares comigo?

Pedro – Calma, é a sério, garanto-te.

Vicente – E tu, não dizes nada?

Diana – Não é uma piada, Vicente.

Pedro – Sabes que desde que comecei a investigar, sempre foi a minha ideia. Trabalhar no processo de senescência celular para bloqueá-lo mudando o seu código genético. E não sou o único a trabalhar nisso.

Vicente – Não... Mas ainda ninguém conseguiu.

Pedro – Pois eu consegui.

Vicente – Tu? Aqui? Na tua sala de estar?

Pedro – O vírus do resfriado era apenas um cavalo de Tróia. Modifiquei-o para poder entrar na célula e alterar o seu funcionamento, bloqueando alguns processos e ativando outros. Estava prestes a terminar quando me pediste para parar as minhas pesquisas.

Vicente – Porque não me disseste nada?

Pedro – Queria ter a certeza de que realmente tinha algo. E além disso... queria levar o tempo para refletir. Tomar precauções...

Vicente – Precauções?

Pedro – Queria proteger a minha descoberta. Resguardá-la. Antes de decidir o que queria fazer com ela. Com consciência...

Vicente – Com consciência? Estás a dizer-me que encontraste o soro da vida eterna e falas-me de consciência.

Diana – Ciência sem consciência é apenas a ruína da alma...

Pedro – Compreendes que, por agora, tudo isto deve manter-se entre nós três.

Vicente parece começar a acreditar.

Vicente – Seria uma descoberta fantástica para o laboratório, com certeza...

Diana – Para o laboratório? Não brinques! Não é só para o laboratório, Vicente. Estamos a falar de nunca morrer. Melhor ainda – de nunca envelhecer. Não estamos a falar de cremes antienvelhecimento nem dessas tolices...

Vicente – Tens razão... É absolutamente enorme.

Diana – Bravo, Pedro. Sempre foste o melhor entre nós...

Vicente franz um pouco a testa.

Vicente – Guardaste os resultados das tuas pesquisas num lugar seguro, pelo menos? Está tudo no laboratório?

Pedro – Está tudo aqui...

Vicente – Aqui?

Pedro – Proibiste-me de trabalhar nisto no laboratório!

Vicente – Temos de fazer uma comunicação sobre o assunto, Pedro. Imediatamente. Apresentar uma patente. Porque se outras equipas também estiverem a trabalhar nisto...

Um momento.

Diana – O Pedro está hesitante em tornar a sua descoberta pública...

Vicente – Hesitante?

Pedro – Isto, Vicente, não é apenas uma descoberta. Não é apenas uma revolução. Compreendes? Viver eternamente. Mudaria tudo. Tudo. A economia, a sociedade, a filosofia, a religião...

Diana – Quando se pensa nas reações que houve pela conceção in vitro. Imaginem quando competirmos com a Igreja prometendo a vida eterna?

Vicente – E desta vez aqui, não no além...

Pedro – Sim... Esse é o risco, de facto... Que nos tornemos... em deuses.

Vicente – Para mim, está bem.

Pedro – Não é tão simples, Vicente. Estamos a falar de uma mudança total na civilização. Não tenho a certeza de que o mundo esteja preparado para isso.

Vicente – Entendo... É verdade que é preciso tempo para refletir antes de soltar esta bomba atómica. Mas até aí a... E depois recordo-te que esta descoberta também pertence ao laboratório.

Pedro – Acho que não percebes bem as implicações, amigo.

Vicente – Só queria lembrar-te do enquadramento legal.

Pedro – Planeias processar-me para recuperar a patente, é isso?

Vicente – Por que não?

Diana – Dadas as lentidões da justiça, pelo menos deveríamos ser imortais para esperar ver algum dia o julgamento.

Pedro – Quando disse que tudo está aqui, Vicente, (*apontando para a cabeça*) queria dizer que tudo está aqui dentro.

Vicente – E se te der um murro para te ajudar a lembrar quem financiou todas as tuas pesquisas?

Diana – Enfim, acalmem-se! Isto é ridículo!

Pedro – Vês, começa. Vou refletir e tomarei uma decisão com consciência. Mas não será pela violência que obterás de mim o segredo da vida eterna.

Diana – Nunca pensei que ouviria uma frase assim na minha sala...

Vicente – Vejo... Estás a negociar com outros laboratórios...

Pedro – Não é sobre isso, Vicente. É um problema moral.

Vicente – Moral? Desde quando a indústria farmacêutica tem algo a ver com a moral?

Pedro – De qualquer forma, garanto-te que se confiar a minha descoberta a um laboratório, será o teu.

Vicente – Não me digas que estás a pensar em renunciar a explorar esta descoberta e privar o mundo inteiro dela?

Diana – É verdade que seria um pouco egoísta. Pensa em mim, pelo menos... Bem, em nós...

Pedro – Se me permitirem, preciso de um pouco de tranquilidade para fazer o balanço...

Ele sai.

Vicente – Achas mesmo que ele pode fazer isso?

Diana – Há cientistas que trabalham nisto há muito tempo... A vida eterna... Ninguém acreditava, mas bem... Afinal... Sim, é possível.

Vicente – O que te perguntava é se achas que este idiota é suficientemente tolo para destruir o resultado das suas pesquisas. Ouviste-o! Tem tudo na cabeça. Se tiver um ataque cardíaco ou o atropelar um carro...

Diana – Ele é um idealista. Sempre o foi, sabes bem. Então sim, é capaz...

Vicente – Depois de tudo o que fiz por ele.

Diana – Não exageres, de qualquer modo... Dormes com a mulher dele e querias despedi-lo...

Vicente – E se tentarmos recuperar discretamente a vacina? Podíamos mandá-la analisar...

Diana – Não sei o que ele fez com ela. Imagino que não a deixou por aí. Ouviste-o? Disse que tomou precauções...

Vicente – Ah, o astuto...

Diana – E também disse que quase não resta. Apenas o suficiente para testar em duas pessoas.

Vicente – Seria suficiente para nós dois...

Diana – Sim...

Vicente – A menos que prefira partilhar contigo... Ele não estará me fazendo um filho nas minhas costas, né?

Diana – Se fosse tu, evitaria usar esse tipo de expressões.

Vicente – Ah, sim, é verdade... Perdoa-me...

Diana – Achas que se ele soubesse sobre nós dois, teria vontade de partilhar connosco?

Vicente – Tens razão... Não lhe dizemos nada por agora...

Diana – Vês que não era o momento certo.

Vicente – Está bem... Não exageres também.

Diana – Então, o que fazemos?

Vicente – Teríamos que convencê-lo. Oferecer-lhe algo. Um acordo.

Diana – Bem sabes que o poder e o dinheiro não o interessam.

Vicente – Então o quê?

Diana – E se me deixasses fazer? Conheço-o melhor do que ninguém, sou a sua esposa. Chamo-te quando conseguir convencê-lo.

Vicente – Para se reconciliarem na cama e chegarem a um pequeno acordo às minhas costas? Não, obrigado, fico por aqui.

Pedro volta.

Vicente – Então, já reflectiste?

Diana lança-lhe um olhar furioso para destacar a sua falta de delicadeza.

Diana – Em todo caso, queria dizer-te o quanto estou orgulhosa de ti. É verdade, em alguns momentos duvidei. Mas no fundo, sabia que um dia nos surpreenderias a todos.

Ela faz um gesto carinhoso. Desta vez, é Vicente quem lhe lança um olhar sombrio.

Vicente – Percebes? É o Nobel garantido! Sem mencionar o que nos pode trazer... Isto é o jackpot, colega! Acertámos em cheio!

Pedro – Só vim fazer um café.

Ele põe a máquina de café expresso a funcionar.

Vicente – Que curioso, temos exatamente a mesma no laboratório.

Pedro – Calma, também não te roubei a tua máquina de café expresso. Comprei outra, é só isso... Com o meu próprio dinheiro... O mesmo que usei para financiar as minhas pesquisas desde que me pediste para deixar de as fazer no laboratório...

Pedro pega na sua chávena e sai.

Diana – Bravo! Que subtileza...

Vicente – E tu? Tu também podes falar! Estavas disposta a prostituir-te para conseguires o que queres dele!

Diana – E além disso, sabes como falar com as mulheres... Prostituir-me? Lembro-te que é o meu marido.

Vicente – Um marido que querias deixar há umas horas atrás...

Diana (*exaltada*) – Qualquer mulher faria qualquer coisa para permanecer eternamente jovem...

Vicente – Qualquer coisa? Mesmo deixar-me?

Diana (*com um olhar muito inquietante*) – Mesmo matar.

Vicente – Começas a assustar-me, Diana. Estou a redescobrir-te, garanto-te...

Diana faz um esforço para se acalmar.

Diana – Perdoa-me... (*Faz um gesto carinhoso para ele*) Acho que estamos a enlouquecer com esta história...

Vicente – Com razão.

Diana – Precisamos acalmar-nos e refletir.

Vicente – Talvez haja o suficiente para três afinal.

Diana – Ele disse apenas para dois. E além disso, é um tratamento experimental que só foi testado em Gloria.

Vicente – Gloria? Quem é Gloria? Não me digas que ele também tem uma amante...

Diana – É um rato.

Vicente – Um rato?

Diana – O rato de laboratório dele. Tornou-se imortal. Tentei envenená-lo com arsénico, mas ele resiste a tudo!

Vicente – Não tenho a certeza de ter entendido tudo, mas pronto...

Diana – Talvez seja melhor eu ser a única a experimentar esse soro, porque também pode ser perigoso...

Vicente – Então aceitarias servir de cobaia? Que coragem. E que generosidade. Nem sempre te conheci tão empenhada na investigação...

Diana – Levaria anos antes de uma possível autorização para lançar no mercado. Estaríamos mortos antes...

Vicente – Sim... E além disso, é provável que o Estado tenha algo a dizer sobre isso. Imaginas as consequências se ninguém mais morresse?

Diana – Já nos custa pagar as pensões.

Vicente – Por outro lado, os ativos poderiam trabalhar eternamente...

Diana – Tens razão. Pode não ser tão simples...

Refletem em silêncio por um momento.

Vicente – Que horas são?

Ele olha para o relógio.

Diana – No que estás a pensar?

Vicente – Neste momento? Estou com fome. Pedi uma sanduíche no café, mas não tive tempo de a comer...

Diana – Pelo menos, tudo isto não te tirou o apetite... Vou preparar alguns petiscos.

Diana sai. Pedro volta.

Vicente – A Diana está a preparar-nos algo para comer...

Pedro – Vês, ela não é uma especialista na cozinha, mas tem outros talentos escondidos.

Vicente – Desculpa pelo que disse antes... Deixei-me levar um pouco. Mas claro, uma descoberta assim pode subir à cabeça rapidamente.

Pedro – E além disso, não tens mais nada para me dizer?

Vicente – Sim... Na verdade, sim... Tenho algo para te dizer... Queria falar-te disto há algum tempo, mas...

Pedro – Estou a ouvir...

Vicente – Tenho... Bem, estou...

Pedro – Sim.

Vicente – Não é fácil de dizer.

Pedro – Não te preocupes, já estou a par.

Vicente – Ah, sim?

Pedro – Realmente, achas que sou idiota.

Vicente – Não tenho a certeza de que estejamos a falar da mesma coisa.

Pedro – Não sei. Do que estás a falar?

Diana volta por trás e eles não a veem.

Vicente – Estou... Bem... Estou com cancro, é isso.

Pedro – Grave?

Vicente – Sim. Conheces algum que não seja grave?

Pedro – Lamento muito saber. Se puder fazer algo por ti...

Vicente – Na verdade, segundo os médicos, só me restam alguns meses...

Pedro – Ah, maldição...

Vicente – Um ano, no máximo. Então, compreenderás que no meu estado... Qualquer medicamento, mesmo experimental, no máximo só encurtaria os meus sofrimentos umas semanas.

Pedro – Sério?

Vicente – Sabes que se respeitarmos os procedimentos legais para a experimentação em seres humanos, levaria anos.

Pedro – Sim, não é falso.

Vicente – Estou disposto a correr o risco, Pedro.

Pedro – Pelo amor à ciência, certo?

Vicente – Sim, pode-se dizer assim. Claro, se quiseres experimentar comigo.

Pedro – Obrigado...

Vicente – Sempre te apoiei, não é? E entre nós, não teremos muitas vidas para desenvolver esta descoberta. És um cientista. Um génio, poderíamos dizer.

Pedro – Por favor.

Vicente – Mas não és um administrador. Precisarás de alguém que te apoie... Que te proteja...

Diana – Não tens vergonha!

Viram-se e percebem que Diana ouviu tudo.

Vicente – Ah, estavas aqui...

Diana – Não ouças, Pedro. Ele nunca teve cancro. Está em plena forma, esse miserável.

Vicente – Como sabes, de qualquer maneira? Eu poderia estar doente e não te ter dito.

Diana – Não sei... Uma intuição. Parece que os melhores se vão primeiro. Então tu, com ou sem soro, estás garantido para viver ainda muito tempo.

Vicente – Vigarista.

Pedro – Lembro-te que estás a falar da minha esposa.

Vicente – Tua esposa, sim. Falemos dela. Ela engana-te com qualquer um que aparece, tua esposa.

Diana – Ah, sim? E com quem, por exemplo?

Vicente percebe que falou muito rápido.

Pedro – Sim, com quem?

Diana – Bem, com o teu melhor amigo. Sabes? Aquele que tem uma grave doença terminal.

Vicente – Cabra!

Pedro – Estou a incomodar muito? Descubro que a minha esposa me está a trair e ainda tenho que testemunhar as vossas discussões domésticas.

Vicente – Desculpa, Pedro. Foi um erro. Quero dizer... um acidente. Foi ela quem...

Diana – Claro, eu violei-te. Aproveitei o teu estado de fraqueza. (*Dirigindo-se a Pedro*) Com a sua doença, percebes...

Vicente – Está bem, não estou doente. Apenas disse isso para me oferecer como voluntário. Para um ensaio clínico, quero dizer. Mesmo que tenha que arriscar a minha vida...

Diana – Sempre tiveste espírito de sacrifício...

Vicente – Garanto-te que estava decidido a romper. Já não aguentava mais esta situação. Na verdade, vim por isso. Para falar sobre isso.

Diana – Claro...

Vicente – Reconhece que, ao contrário dela, eu sempre acreditei em ti. E sempre te apoiei.

Diana – Falas asneiras. Ele veio anunciar-te que estava a ir com a tua mulher e que te estava a despedir do laboratório.

Pedro – Estou desapontado... Muito desapontado... A minha mulher... O meu melhor amigo...

Diana – Garanto-te que...

Pedro – Silêncio! Ambos.

Vicente – Escuta, Pedro...

Pedro – Saíam. Preciso de um pouco de ar. Deixem-me respirar.

Os outros dois saem, um pouco envergonhados. Pedro espera que se vão, depois começa a assobiar despreocupadamente.

Pedro – Disse-to, Gloria. As pessoas são muito piores do que os ratos... Pelo menos, posso confiar em ti. Percebes que aquela bruxa queria envenenar-te? Felizmente, consegui recuperar este trigo com arsénico antes que o convertesses em teu lanche. *(Tira um saco do bolso e despeja o conteúdo num moinho de café)* Fico a pensar que sabor terá o arsénico misturado com café de comércio justo...

Mói os grãos de trigo com o café antes de colocar cuidadosamente a mistura numa cápsula que previamente esvaziou. Fecha cuidadosamente a cápsula. Vicente e Diana regressam.

Vicente – Desculpa-nos, mas... preferimos não deixar-te sozinho.

Diana – Queremos ter a certeza de que não fazes uma asneira.

Vicente – Um ato desesperado, num acesso de raiva, que poderias lamentar.

Pedro – Se chegar a cometer um ato desesperado, não creio que tenha a oportunidade de o lamentar, certo?

Diana – Pensávamos mais... na possibilidade de apagares as pegadas desta descoberta fantástica.

Pedro – De acordo... Também estava a pensar nisso... Mas, afinal, já que ainda estão aqui, terminemos com isto. Vou dizer-vos o que decidi.

Vicente – Ouviremos e respeitaremos a tua decisão, seja ela qual for. Não é verdade, Diana?

Diana – Exato.

Pedro – Levo anos a trabalhar neste projeto. Tive tempo para refletir sobre as consequências que a imortalidade poderia ter para a humanidade.

Diana – E... o que pensas?

Pedro – Acho que seria um inferno...

Vicente – Um inferno, estás a exagerar.

Pedro – Sem mencionar os distúrbios económicos e sociais, que seriam consideráveis, não haveria renovação geracional. Por que ter filhos quando se vive para sempre?

Vicente – Eu, até agora, tenho ficado bem sem filhos. Tu também, não? Então, qual é o problema?

Pedro – Todos estaríamos condenados a viver num mundo de idosos, presos em corpos jovens. Um mundo esclerosado, onde a evolução já não teria lugar.

Vicente – A evolução nem sempre é boa.

Diana – Especialmente quando evoluímos para pior.

Pedro – Não. A vida deve continuar a ser um círculo. Um ciclo, se preferirem. Não uma linha reta infinita que não leva a lado nenhum.

Diana – Pode surpreender-te, Pedro, mas estou perto de partilhar a tua opinião.

Vicente – Ah, sim?

Diana – É por isso que acho melhor manter esta descoberta em segredo e testá-la em nós mesmos. Teremos todo o tempo para refletir sobre o que queremos fazer depois.

Pedro – Não, Diana. Viver para sempre seria uma condenação perpétua. Mesmo para nós.

Vicente – Nesse caso, estou de acordo em ser condenado perpetuamente.

Pedro – Claro, assim soa maravilhoso. Mas imaginem por um momento como seria quando todos que conhecemos estiverem mortos.

Diana – Pessoalmente, não tenho tanta certeza de que sentiria tanta falta disso...

Vicente – Concordo contigo nisso.

Pedro – A maioria das pessoas, aos sessenta, já não tem quase desejos. Não têm família. Não têm amigos.

Diana – Fala por ti.

Pedro – Aos oitenta, geralmente estão fartos da vida.

Vicente – Nem todos...

Pedro – Aos cem anos, apenas esperam a morte que lhes dará libertação. Então, imaginem o grau de tédio depois de dois ou trezentos milhões de anos.

Diana – Dois ou trezentos milhões... Sinto como se tivesse ganhado na lotaria... Eu ficaria feliz com isso, garanto-te. Mesmo que tenha que morrer no final desse tempo em agonia.

Vicente – E se as pessoas se cansam da vida, é porque são velhas e estão em mau estado de saúde.

Diana – Tua rata até sobreviveu ao arsénico!

Vicente – Quando nos cansarmos, sempre podemos suicidar-nos.

Pedro – Com arsénico?

Silêncio.

Diana – Bem, então, o que decidiste?

Pedro – Estamos a brincar de ser feiticeiros. Estamos a mexer em coisas que não são da competência dos pobres mortais que somos nós. Quando o homem tenta igualar os deuses, sempre acaba mal. Os gregos, que inventaram a tragédia, já entenderam isso muito bem...

Vicente – Os gregos? E em espanhol, o que isso significa?

Pedro – Vou destruir esta vacina e ninguém a usará. Apenas a Gloria será imortal nesta terra. Dito isto, ela também poderia evoluir. Com o tempo. Quem sabe, talvez tenham diante de vocês a próxima divindade diante da qual nossos distantes sucessores se curvarão um dia. Gloria! Gloria in excelsis deo...!

Diana – Mas estás completamente louco!

Pedro – Sempre pensei que não foi Deus quem criou o Homem... mas que o Homem acabaria criando Deus.

Vicente – Ou talvez, ele esteja a gozar connosco...

Pedro – Disseram que respeitariam a minha decisão... seja ela qual for.

Diana – Não permitiremos que faças isso.

Vicente – Onde está essa vacina?

Pedro – Não a encontrarão. Está escondida num lugar onde nunca poderão encontrá-la.

Vicente – Isso é o que dizes...

Diana – Sê razoável, Pedro. Se tu fizeste esta descoberta, mais cedo ou mais tarde, alguém também o conseguirá.

Vicente – É verdade. Também não és um génio assim tão grande.

Diana – Então é melhor seres tu aquele que fica na história como o génio que deu a vida eterna ao Homem. Em vida.

Vicente – Bem, chega de brincadeiras. Onde está esse soro da vida eterna?

Pedro – Não o terás.

Vicente – Tenho estado a pagar-te por nada durante anos. Agora é hora de pagares...

Diana – Sê razoável, Pedro.

Vicente – Vamos matá-lo. De qualquer forma, não há soro para três, ele mesmo disse.

Diana – Tens razão. Ficaremos com esta descoberta. De que serve sermos imortais se todos o são também?

Vicente – Dir-nos-ás onde está essa poção mágica. E dir-nos-ás como a fabricar.
Ele avança ameaçador. Pedro saca uma pistola. Vicente recua.

Pedro – Sabia que poderia acabar assim. Avisai-vos. Tomei minhas precauções.

Diana – Mas esta é a minha pistola!

Vicente – Tens uma pistola?

Diana – A da farmácia. Foste tu que me aconselhaste comprar uma depois do meu terceiro roubo.

Vicente – Ah sim, é verdade... mas não pensei que o farias...

Diana – Pensava que ma tinham roubado. Na verdade, não estava enganada.

Pedro – Peguei-a quando fui visitar-te na semana passada para almoçar contigo.

Diana – Então, era por isso. Também achei estranha aquela visita surpresa. Não parecia o teu estilo.

Vicente – Vamos, Pedro, isso não é sério. O que planeias fazer? Matar-nos a ambos?

Pedro – Não, se eu puder evitar. Mas se for necessário fazê-lo para evitar que o mundo caia no apocalipse.

Vicente – Agora te achas Jesus Cristo? É verdade que ele também prometia a vida eterna.

Pedro – E ele também não cumpriu as suas promessas.

Diana – Vamos, todos se acalmarão. Acho que todos nós perdemos um pouco a sanidade, os três...

Pedro – Pára de falar. Agora sei ao que me ater sobre ti. Quanto tempo isto tem entre vocês?

Diana – Cinco anos.

Vicente – Realmente precisavas contar-lhe isso?

Diana – Mas intermitentemente, garanto-te.

Vicente – Tem cuidado de qualquer forma, esses dispositivos disparam sozinhos. E não deves ter muita experiência.

Pedro – Não te aproximem, e tudo estará bem. Além disso, ambos vão sair daqui. Isso é o que queriam, certo? Bem, aqui o têm. Vejam, tenho uma mente aberta. Devolvo-vos a liberdade. Deixo-vos ir juntos. Sejam felizes até ao final dos vossos dias. Têm a minha bênção. E a minha extrema-unção...

Diana – Não vai acabar assim, Pedro?

Pedro – Porquê? Tens algo mais para me propor? Um trio, talvez?

Diana – Mas ficarás sozinho, querido. Para sempre.

Pedro – Já te esqueceste do nosso aniversário de casamento e queres que estejamos casados pela eternidade?

Diana – Escuta, há algo que não te disse.

Pedro – O quê mais?

Diana – Estou grávida.

Pedro – De mim?

Diana – Sim. Tenho a certeza.

Vicente – Ótimo... No entanto, juraste-me que...

Pedro – Então, vou ser pai?

Surpreendido, Pedro escorrega, tropeça e deixa cair a pistola. Vicente a apanha e aponta imediatamente para Pedro.

Vicente – Basta de brincadeiras. Agora vais dizer-nos onde está esse soro.

Pedro – Está bem... Mas há algo que também não vos disse.

Vicente – O quê mais?

Pedro – Já tomei uma dose.

Diana – Uma dose?

Pedro – Só resta mais uma.

Vicente – Maldito.

Diana – E se ele estiver a dizer isso para nos dividir?

Vicente aponta a pistola para ela.

Vicente – Bem, ele conseguiu...

Diana – Não farás isso, Vicente! Lembra-te que levo o teu filho...

Vicente – Este filho muda de pai a cada cinco minutos. Tu própria sabes de quem é? De qualquer forma, nunca tive instinto paternal... Então, onde está esse soro? Qual é esse esconderijo secreto que nunca conseguiríamos encontrar?

Pedro – As cápsulas de Nespresso, na cesta.

Vicente – Estás a gozar comigo.

Pedro – Não.

Vicente – Aviso-te, mesmo que sejas imortal, não és à prova de balas.

Pedro – Quem sabe... A rata também sobreviveu ao arsénico...

Vicente aproxima-se da cesta.

Vicente – Qual?

Pedro – Café equitativo.

Vicente – Como sei que não estás a mentir?

Pedro – Que risco corres ao tentar? No pior dos casos, terás bebido um bom café e terás feito um gesto a favor dos pobres camponeses que se esforçam por cultivá-lo na América Central.

Vicente coloca a cápsula na máquina e liga-a.

Vicente – Espero que estejas a dizer a verdade...

Pedro – Isso... saberás daqui a uns cinquenta anos.

O café está a ser preparado.

Vicente – Agora posso dizer-te. Sempre te odiei.

Pedro – Sempre tiveste inveja de mim. Por isso querias a Diana, não é verdade?

Vicente – Tu, o melhor da turma. Tu, o idealista.

Pedro – Mesmo assim, encontrei o soro da eterna juventude...

Vicente – Sim, mas nunca foste capaz de lhe dar um filho.

Pedro – Quem sabe...

Vicente – Bem, quando o café passar, temos de bebê-lo...

Vicente está prestes a beber.

Diana – Por favor, deixa-me um pouco... Costumavas dizer que me amavas.

Vicente – Isso foi antes... Este néctar dos deuses é para mim.

Deixa descuidadamente a pistola para beber da chávena, ela pega-a e aponta para ele.

Diana – Larga imediatamente essa chávena se não quiseres ter uma vida mais curta do que o esperado.

Vicente coloca cuidadosamente a chávena.

Vicente – Está bem... Mas tem cuidado com isso...

Diana – Afasta-te.

Diana aproxima-se da chávena. Vicente tenta uma manobra para interceptá-la.

Vicente – Não vais disparar contra o pai do teu filho...

Ela dispara à queima-roupa. Ele desaba.

Pedro – O que fizeste?

Diana – Avisai-o. Era ele ou eu.

Deixa a arma e bebe avidamente da chávena.

Pedro – Bem, agora estamos juntos de novo. Até que a morte nos separe. E como somos imortais...

Diana – Este elixir tem um sabor amargo.

Pedro – É um medicamento.

Diana – Quanto tempo demora a fazer efeito?

Pedro – Cerca de dez minutos.

Diana – Então já está? Somos ambos imortais?

Pedro – Como o nosso amor.

Diana – Realmente amava-te, sabias? No início. Com o tempo, acabei por me aborrecer. Se tivéssemos tido um filho, talvez...

Pedro – É uma pena. Já não me amas, estamos casados para sempre, e nem sequer podemos ter um filho.

Diana – Já estou grávida.

Pedro – E quando crescer, o que lhe dirás? Que mataste o pai?

Diana – Não sou obrigada a ficar com ele.

Pedro – Está bem.

Diana – E também não somos obrigados a ficar juntos.

Pedro – A imortalidade cria laços, sabes. Porque pensas que os deuses gregos viviam entre eles no Monte Olimpo?

Diana – Eles também, por vezes, faziam algumas exceções, para misturar-se com a gente comum.

Pedro – No início, talvez. Mas em algumas centenas de milhares de anos. Em trezentos milhões de anos? Quando o homem desaparecer da Terra como espécie. Ou se transformar em algo mais. Seremos apenas nós dois da mesma descendência. Pela eternidade.

Diana – Seremos os novos Adão e Eva. Para sempre...

Pedro – Mas o nosso paraíso bem poderia ser um eterno inferno.

Diana (*fazendo caretas*) – Já me sinto mal.

Pedro – É normal. Sempre há efeitos secundários. E além disso, é um medicamento experimental.

Diana – Tu sobreviveste, não é verdade?

Pedro – Sim...

Diana – Achas que vou para a prisão por matar o Vicente?

Pedro – Que risco corres? Mesmo com prisão perpétua, eventualmente sairás um dia. Os guardas morrerão antes de ti.

Diana – Tens razão.

Diana espirra.

Pedro – Saúde...

Diana – É o primeiro resfriado que tenho na minha vida.

Pedro – A imortalidade não te está a fazer bem...

Diana – Agora podes voltar à tua vacina contra o resfriado.

Pedro – Nunca a abandonei, Diana.

Diana – O quê?

Pedro – O que acabaste de ingerir é o arsênico que destinavas à Gloria.

Diana – Não...

Pedro – Desculpa, mas a vida eterna acabou. Mas ainda podes esperar o descanso eterno. Se Deus te perdoar teu crime...

Diana – O quê?

Pedro – Não descobri nada de nada, Diana. Eu também morrerei em alguns anos. Mas minha vingança funcionou além de todas as minhas expectativas.

Diana – Então sabias de Vicente e eu?

Pedro – Realmente achas que sou um idiota...

Diana – Morrerás na prisão... Essa será minha vingança.

Pedro – O que queres? A vida é uma comédia que sempre termina mal.

Diana – Diz-me que não é verdade... Não me envenenaste? Não envenenaste tua esposa?

Pedro – Estiveste a enganar-me durante cinco anos.

Diana – Para ti, pelo menos, será prisão perpétua.

Pedro – Não necessariamente.

Diana – E como planeias sair disto?

Pedro – Contar-te-ei o que aconteceu. Vais gostar, verás, é muito romântico – ela dispara no amante e envenena-se depois.

Diana – Achas que os polícias são estúpidos o suficiente para acreditar nisso?

Pedro – São as tuas impressões digitais na pistola. É a pistola da farmácia. E foste tu mesma quem pegou na farmácia o arsênico com o qual te envenenaste agora...

Diana – És o diabo em pessoa...

Pedro – Na ausência de ser um deus...

Diana – E além disso, és um investigador miserável. No final, não me enganei contigo. Não encontraste nada de nada, nem mesmo uma vacina contra o resfriado...

Vicente tem um espasmo de agonia.

Pedro – Ah... Tenho a sensação de que este laboratório precisará de um novo diretor... Ele que queria me despedir, vou ocupar o lugar dele... Que ironia...

Diana espirra.

Pedro – Saúde...

Diana – Obrigada.

Diana desmorona.

Pedro – E assim... acabou-se o assunto... (*Dirigindo-se ao rato na gaiola*) Vês, Gloria. As histórias de amor, assim como as comédias de bulevar, às vezes terminam muito mal. (*Veste o impermeável.*) Bem, sê muito boazinha até eu voltar. Deixo a porta da gaiola aberta, e há algumas tigelas na cozinha, caso a coisa se prolongue um pouco... Vou contar este drama passionnal na esquadra da esquina. Isso deverá ser suficiente para eles. (*Prepara-se para sair.*) E se, infelizmente, não escapar da prisão perpétua, acompanhar-me-ás à cadeia, não é? Jaulas, já estás habituada a elas.

Sai. Vicente faz um movimento para se levantar. Diana também. Mas desabam novamente.

Corte.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Batas brancas e humor negro
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cama e Café
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Ela e Ele, Monólogo interactivo
Encontro na plataforma
Erro da funerária a teu favor
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um critico na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sequer morto
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Retrato de família
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Dezembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-095-7

Documento para download gratuito